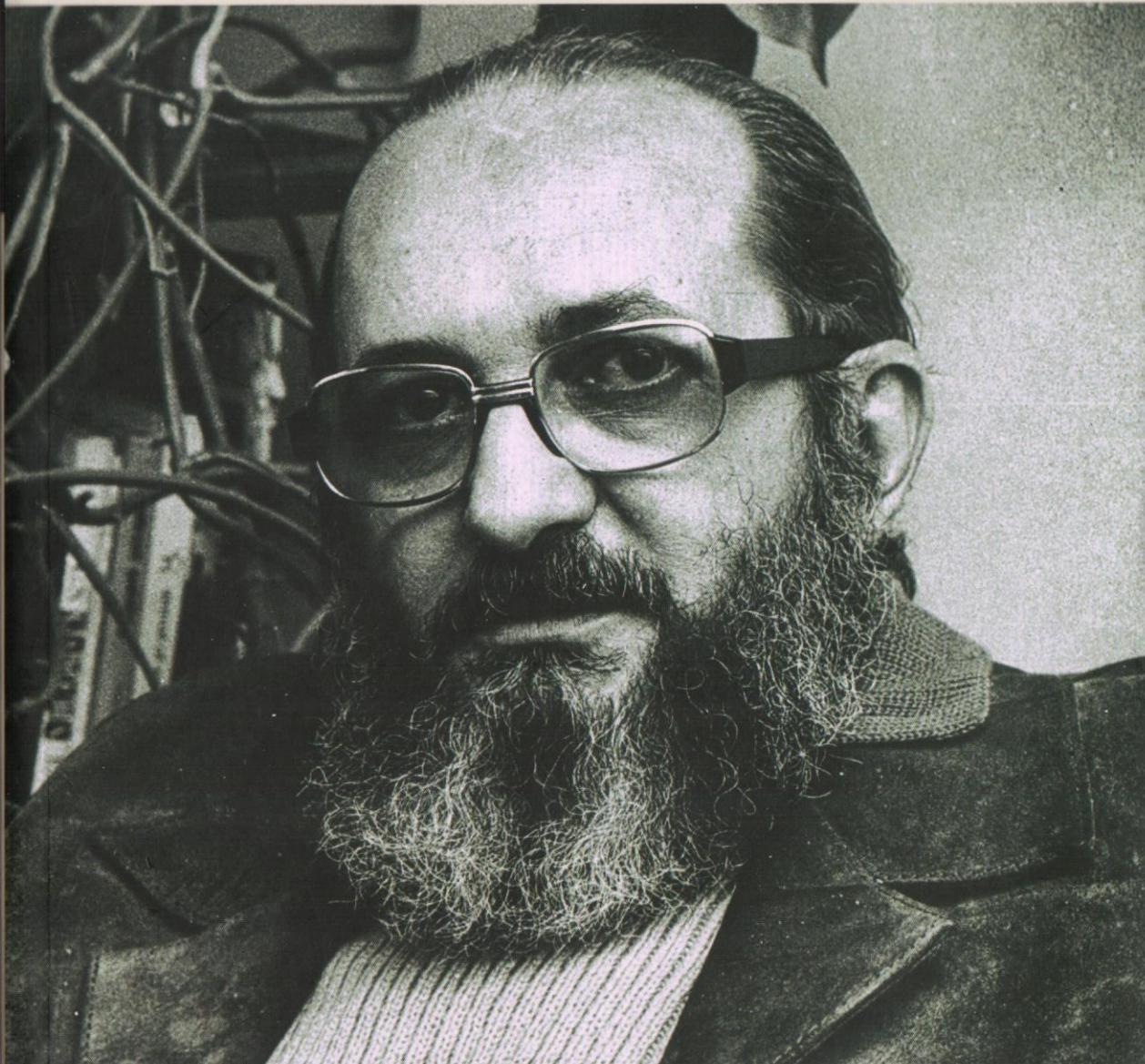


PAULO FREIRE

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO



Edições
Afrontamento

BIBLIOTECA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS · CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO · 34

1. *Escola, Sociedade. Que Relação?*, Luiza Cortesão, 3.ª edição, 1982
5. *Educação e Desenvolvimento Pessoal e Social*, Bártoolo Paiva Campos, 2.ª edição, 1992
7. *A Educação como Projecto Antropológico*, Adalberto Dias de Carvalho, 2.ª edição, 1993
9. *Tristes Escolas. Práticas Culturais Estudantis no Espaço Escolar Urbano*, João Teixeira Lopes, 1997
10. *Teoria Social e Educação. Uma Crítica das Teorias da Reprodução Social e Cultural*, Carlos Alberto Torres e Raymond A. Morrow, 1998
11. *Pensar a Escola sob os Olhares da Psicologia*, Ana Bertão, Manuela Sanches Ferreira e Milice Ribeiro dos Santos, 1997
12. *Levantando a Pedra. Da Pedagogia Inter/Multicultural às Políticas Educativas numa Época de Transnacionalização*, Stephen R. Stoer e Luiza Cortesão, 1999
13. *A Construção Política da Educação. Estado, Mudança e Políticas Educativas no Portugal Contemporâneo*, António Teodoro, 2001
14. *Políticas de Formação de Profissionais de Ensino em Escolas Autónomas*, Bártoolo Paiva Campos, 2002
15. *Reformas da Educação Pública. Modernização, Democratização, Neoliberalismo*, Almerindo Janela Afonso, Licínio Lima, 2002
16. *Sentidos Contemporâneos da Educação*, Adalberto Dias de Carvalho (org.), 2003
17. *Escola-Família. Uma relação armadilhada*, Pedro Silva, 2003
18. *Rogério Fernandes. Questionar a Sociedade, Interrogar a História, (Re)Pensar a Educação*, Margarida Louro Felgueiras e Maria Cristina Menezes (orgs.), 2004
19. *A Gente Gosta é de Brincar com os Outros Meninos!*, Manuela Ferreira, 2004
20. *Educação Crítica e Utopia*, António Teodoro e Carlos Alberto Torres (orgs.), 2005
21. *A Diferença Somos Nós. A Gestão da Mudança Social e as Políticas Educativas e Sociais*, Stephen R. Stoer e António Magalhães, 2005
22. *Paulo Freire na História da Educação do Tempo Presente*, Afonso Celso Scocuglia (org.), 2006
23. *Lugares Emergentes do Sujeito-Mulher. Viagem com Paulo Freire e Maria de Lourdes Pintasilgo*, Maria Helena/Marijke de Koning, 2006
24. *Endireitar a Educação: Mercados, Padrões, Deus e Desigualdade*, Michael Apple, 2007
25. *O Ensino Superior Politécnico em Portugal. Um Paradigma de Formação Alternativo*, Maria Teresa Leão, 2007
26. *Educação Regular, Educação Especial. Uma história de separação*, Manuela Sanches Ferreira, 2007
27. *Justiça Social e Educação. Vozes, silêncios e ruídos na escolarização das raparigas ciganas e payas*, Laura Fonseca, 2009
28. *Da Casa da Juventude aos Confins do Mundo. Etnografia de fragilidades, medos e estratégias juvenis*, Sofia Marques da Silva, 2012
29. *Escolas Singulares. Estudos locais comparativos*, João Teixeira Lopes (coord.), 2012
30. *O descontentamento e o desgaste profissional em professores dos ensinos básico e secundário*, José Brito do Vale Quaresma, 2014
31. *Sexualidades, Gravidez e Juventude. Relações sociais e educativas*, Laura Fonseca. Sofia Almeida Santos, 2014
32. *Apesar de tudo... Que podemos nós, professores, fazer?*, Luiza Cortesão; Maria Arminda Torres, 2018
33. *O Mistério da Criatividade. Teorias e práticas criativas nas Ciências e nas Artes, na vida quotidiana e na Educação*, Agostinho Ribeiro, 2018

PAULO FREIRE

Pedagogia do Oprimido

3.ª edição

Prefácio de
Luiza Cortesão

Ter a consciência crítica de que é preciso ser o proprietário de seu trabalho que «este constitui uma parte da pessoa humana» e que a «pessoa humana pode ser vendida nem vender-se» é dar um passo mais além das soluções lativas e enganosas. É inscrever-se numa ação de verdadeira transformação da lidade para, humanizado-a, humanizar os homens.

Finalmente, a invasão cultural, na teoria antidialógica da ação, serve à mani-ação que, por sua vez, serve à conquista e esta à dominação, enquanto a síntese ve à organização e esta à libertação.

Todo o nosso esforço neste ensaio foi falar desta coisa óbvia: assim como oressor, para oprimir, precisa de uma teoria da ação oressora, os oprimidos, ra libertar-se, igualmente necessitam de uma teoria de sua ação.

O oressor elabora a teoria de sua ação necessariamente sem o povo, pois e é contra ele.

O povo, por sua vez, enquanto esmagado e oprimido, introjetando o oressor, o pode, sozinho, constituir a teoria de sua ação libertadora. Somente no encontro e com a liderança revolucionária, na comunhão de ambos, na praxis de ambos, que esta teoria se constitui.

A colocação que, em termos aproximativos, meramente introdutórios, tenta os fazer da questão da pedagogia do oprimido, nos trouxe à análise, também proximativa e introdutória, da teoria da ação antidialógica, que serve à oressão, da teoria dialógica da ação, que serve à libertação.

Desta maneira, nos daremos por satisfeitos se, dos possíveis leitores deste ensaio, surjam críticas capazes de retificar erros e equívocos, de aprofundar afirmações e de apontar o que não vimos.

É possível que algumas destas críticas se façam pretendendo retirar de nós o reito de falar sobre matéria – a tratada neste capítulo – em torno de que nos falta na experiência participante. Parece-nos, contudo, que o facto de não termos tido na experiência no campo revolucionário não nos retira a possibilidade de uma reflexão sobre o tema.

Mesmo porque, na relativa experiência que temos tido com massas populares, como educador, uma educação dialógica e problematizante, vimos acumulando m material relativamente rico, que foi capaz de nos desafiar a correr o risco das afirmações que fizemos.

Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: ossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que ão seja difícil amar.

Índice

- 5 Prefácio à 3.ª edição portuguesa [Luiza Cortesão]
- 13 Prefácio da edição original: Aprender a dizer a sua palavra [Ernani Maria Fiori]
- 25 Dedicatória
- 27 Primeiras Palavras
- 33 Capítulo I: Justificativa da Pedagogia do Oprimido
- 36 A contradição oressores-oprimidos, sua superação
- 48 A situação concreta de oressão e os oressores
- 52 A situação concreta de oressão e os oprimidos
- 55 Ninguém liberta ninguém, ninguém se libera sozinho: os homens se libertam em comunhão
- 61 Capítulo II: A conceção «bancária» da educação como instrumento de oressão. Seus pressupostos. Sua crítica
- 67 A conceção problematizadora da educação e a libertação. Seus pressupostos
- 68 A conceção «bancária» e a contradição educador-educando
- 73 A conceção problematizadora e a superação da contradição educador-educando: ninguém educa ninguém – ninguém se educa a si mesmo – os homens se educam entre si, mediatisados pelo mundo
- 77 O homem como um ser inconcluso, consciente de sua inconclusão e seu permanente movimento de busca do *Ser Mais*
- 81 Capítulo III: A dialogicidade – essência da educação como prática da liberdade
- 85 Dialogicidade e diálogo
- 88 O diálogo começa na busca do conteúdo programático
- 91 As relações homens-mundo, os «temas geradores» e o conteúdo programático desta educação
- 99 A investigação dos «temas geradores» e sua metodologia
- 102 A significação conscientizadora da investigação dos «temas geradores». Os vários momentos da investigação

121 Capítulo IV: A antidialogicidade e a dialogicidade como matrizes de teorias de ação cultural antagónicas: a primeira, que serve à opressão: a segunda, à libertação

134 A teoria da ação antidialógica e suas características

135 Conquista

137 Dividir para manter a opressão

142 Manipulação

146 Invasão cultural

160 A teoria da ação dialógica e suas características

160 Co-laboração

165 Unir para a libertação

168 Organização

172 Síntese cultural

Título: PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Autora: Paulo Freire

© 2018, Paulo Freire e Edições Afrontamento

Edição: Edições Afrontamento, Lda.

Rua Costa Cabral, 859 – 4200-225 Porto

www.edicoesafrontamento.pt comercial@edicoesafrontamento.pt

ISBN: 978-972-36-1665-1

Coleção: Biblioteca das Ciências Sociais / Ciências da Educação / 34

Depósito legal: 443402/18

Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda./Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.
Companhias@companhias.pt

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

PAULO FREIRE

Paulo Freire nasceu em 1921 no Recife e faleceu em São Paulo em 1997. Apesar de oriundo de uma família da classe média, a depressão de 1929 e a morte precoce do pai fizeram com que vivesse a experiência da pobreza e da fome, que marcou para sempre a sua preocupação com os mais pobres.

Tendo cursado Direito na Universidade de Pernambuco, fez também estudos de filosofia da linguagem, mas preferiu empregar-se como professor de língua portuguesa numa escola de segundo grau. Em 1946 foi nomeado Director do Departamento de Educação e Cultura do estado de Pernambuco, onde pôde iniciar um trabalho sistemático com analfabetos pobres e experimentar no terreno as ideias que vinha desenvolvendo no sentido da construção de um método de alfabetização revolucionário que pudesse promover a alfabetização em massa das classes populares. Tal método viria a adoptar o nome de Método Paulo Freire e os seus resultados levaram o governo progressista de João Goulart a adoptá-lo em 1961 no quadro de um Plano Nacional de Alfabetização que visava a alfabetização generalizada da população brasileira. O golpe militar de 1964 pôs no entanto fim ao programa e Paulo Freire viria mesmo a ser perseguido e preso por causa dele.

Libertado, exilou-se primeiro na Bolívia e depois no Chile. Durante o exílio chileno, publicou no Brasil o seu primeiro livro, *Educação como Prática de Liberdade*, e em 1969 viria a ser convidado como professor visitante pela Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Concluía entretanto a redacção do livro que lhe daria fama mundial, *Pedagogia do Oprimido*, imediatamente publicado em várias línguas e que viria a ter uma primeira edição em Portugal em 1972 nas Edições Afrontamento. Só em 1974, no entanto, depois de iniciado o processo de abertura política, seria publicado no Brasil, onde conheceu até hoje várias dezenas de edições.

Entretanto Paulo Freire mudara-se para Genebra, na Suiça, onde foi consultor para a Educação do Conselho Mundial das Igrejas. Na sequência da amnistia de 1979 regressaria ao Brasil em 1980, filiando-se no Partido dos Trabalhadores em São Paulo. Na sequência da vitória do PT nas eleições municipais de 1988 viria a ocupar o cargo de Secretário da Educação de São Paulo, que exerceu até 1991.

Paulo Freire é talvez o brasileiro mais homenageado de sempre, inúmeras distinções e prémios que recebeu, foi doutorado *honoris causa* por universidades de todo o mundo.